

# CONGRESSO VIVE CLIMA DE PARANÓIA

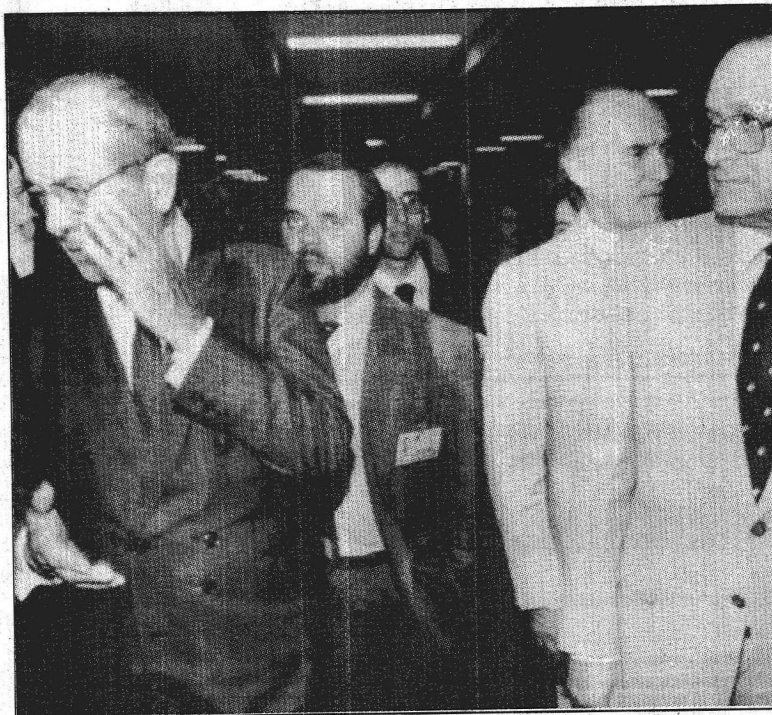
Relatório de Bisol liquidou com nervos e humores de parlamentares

**N**a quarta-feira em que o Congresso tremeu, tudo acabou em pizza na subcomissão de emendas da CPI do Orçamento. Mas no bom sentido. As pizzas chegaram à subcomissão perto da meia-noite, como suprimimento para seus integrantes, que esperavam varar a madrugada trabalhando. Tinham em mãos a “bomba” detonada durante o dia pelo senador José Paulo Bisol (PSB/RS): os papéis sobre o “governo paralelo” das empreiteiras, encontrados na casa de um diretor da Odebrecht, que envolveriam “100 congressistas”.

Mas o poder de fogo da bomba, apesar de formidável, revelou-se menos catastrófico do que parecia. O pessoal da subcomissão foi embora mais cedo e sobrou pizza — o senador Eduardo Suplicy (PT/SP) até levou uns pedaços para seu gabinete. Fora das salas da CPI, no entanto, a bomba foi devastadora. Liquidou com nervos, humores e reputações. Disseminou a paranóia entre os parlamentares que, com razão ou não, temiam ver seu nome ligado ao escândalo.

No final da tarde, quando Bisol e o deputado Aloizio Mercadante (PT/SP) passaram pelo corredor da sala da CPI, houve quase uma convulsão. Os jornalistas por pouco não atropelaram o senador Mário Covas (PSDB/SP), salvo por um assessor que o arrancou do caminho. Pouco depois, o deputado Roberto Cardoso Alves (PTB/SP) surgiu agitado: “Como é, já jogaram a farofa no ventilador?”

Toda essa expectativa provocou um fato raro: não havia sessão histórica, mas 150 deputados se agitaram em gabinetes e corredores até uma hora da madrugada. Não faltou quem ouvisse o som dos tanques se aproximando da “maquete”, como alguns chamam o prédio do Congresso. Mas o sol da quinta-feira trouxe a revelação de que o Congresso não ruína e a bomba não era tudo isso. Em muitos casos, o ódio substituiu o pânico. E a compostura e os bons mo-



Passarinho, com Roberto Magalhães: uma longa quarta-feira.

dos foram para o brejo. O deputado José Genoíno (PT/SP), um dos melhores termômetros do Congresso, deu a seguinte definição: “O clima aqui era de tiro”.

Sem esses abalos todos, o clima gerado pelas investigações da CPI já não é nada ameno. Em muitos momentos a tensão cresce, em outros os constrangimentos são inevitáveis. O presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPS-PA), coronel do Exército da reserva, é um homem acostumado à hierarquia. Se algum integrante da comissão deixa vaziar uma informação, ele se irrita muito, seguindo sua própria filha, Angélica. O senador quer as coisas certas. Agora, imagine a cena: um deputado cara de pau, enroladíssimo na CPI, entrou no gabinete de Passarinho com um “presentinho” embaixo do braço: uma garrafa de uísque. O senador fechou a cara e lançou o que em sua família é conhecido como “olhar número 3”. O deputado retirou-se rapidamente.

Passarinho tem uma rotina que costuma seguir rigorosamente. Entre seus hábitos está engraxar seus sapatos e fazer

uma sesta de 15 minutos depois do almoço. Mas, nestes dias tumultuados, tem almoçado em seu próprio gabinete, refeições rápidas levadas por sua família. E trabalhado até muito tarde. A soma de esforços e tensões levou sua pressão a 19 por 9,5, na quarta-feira. Sentia uma dor no peito. Chegou a pensar em infarto. Mas era só pressão alta.

Diariamente, o motorista do senador Bisol, coordenador da subcomissão de evolução patrimonial, tem carregado dois passageiros a mais: dois seguranças destacados pelo Congresso. Os mesmos que guardam o gabinete do senador. Depois da quarta-feira quente, Bisol poderia ser chamado de “o alvo”. As ameaças e insultos contra ele — “dou um tiro na boca, um tapa na cara” — podiam ser ouvidos sem cerimônia nos corredores do Congresso. Ou no restaurante do Senado, onde o deputado Mavíael Cavalcanti (PRN-PE) irrompeu durante o almoço de quinta-feira lançando ameaças e palavrões contra Bisol, apesar de ele não estar presente. Ou ainda da tribuna da Câmara, de onde o mesmo Mavíael e José Sarney

Filho (PFL-MA) desancaram o senador.

Para complicar, um empresário telefonou de São Paulo para o gabinete de Bisol com um alerta: em uma linha telefônica cruzada ouviu um homem dizendo a outro que queria matar Bisol. O chefe de gabinete, Rodrigo Rolemberg, diz que o senador não tem se abalado com isso: “Ele é destemido, porém sereno”. O corredor onde fica a sala da CPI ferve de jornalistas, mesmo quando não há sessão da comissão. Tudo e todos convergem para lá. Deputados citados nos papéis apreendidos da construtora Norberto Odebrecht têm sido frequentes. Na sexta-feira lá estava o deputado Mansueto de Lavor (PMDB/PE) pedindo a quebra de seu sigilo bancário. E indignado com a divulgação de nomes de parlamentares sob suspeita. “Não deviam citar os nomes nem para elogiar”, dizia. Mansueto foi o relator do Orçamento de 1993. Genoíno acha que os que pediram a quebra de sigilo bancário apenas estão se antecipando ao inevitável.

A paranóia continua instalada — e PC Farias ainda nem resolveu se despeja ou não o balde quando der seu depoimento à CPI. Passarinho conta que um parlamentar seu amigo (não revela o nome) anda com uma pasta cheia de documentos. Pronto para provar sua inocência, caso seu nome surja no escândalo. A barra pesou muito, naturalmente, para os deputados que se projetaram na CPI — pelo lado errado. Alguns deles (antes poderosos e portadores de grande soberba) desapareceram do Congresso. Seus gabinetes têm estado fechados. Caso de João Alves (PPR/BA), José Geraldo (PMDB/MG) e Ricardo Fiúza (PFL/PE). Os anões estão mal cotados até entre os “papa-gaios de pirata” — aqueles parlamentares que ficam atrás do depoente, na mesa da CPI, para aparecer na televisão. Quando João Alves depôs, não havia nenhum deles.

**Valdir Sanches**